



NOS CAMINHOS DA AGROECOLOGIA:

Uma trajetória em busca do Bem Viver no estado de Rondônia

A narrativa que aqui apresentamos tenta sistematizar a rica experiência de várias comunidades em Ji-Paraná. Partindo das famílias do Grupo Xavier, a narrativa procura resgatar a caminhada e as aprendizagens que foram se disseminando em muitas outras comunidades, em várias áreas: na agroecologia, na saúde, nos conselhos municipais, repercutindo e incidindo em políticas públicas.

Chegando em Rondônia, em busca de terra e trabalho

“Foram quase 10 dias de viagem em cima de um caminhão. Cinco famílias misturadas. Era tanto menino, panela, galinha, colchão que tínhamos que contar um por um, pra não deixar ninguém pra trás na hora de pegar a estrada novamente”. Seu Pedro de Paula Ardissã, veio para Rondônia com sua família em 1982, e suas palavras retratam a realidade de centenas de milhares de pessoas que migraram para o então Território Federal de Rondônia em busca de terra e trabalho. Incentivados pela política do governo militar, pós 1964, que tinha como lema “Amazônia, Integrar Para Não Entregar” - uma espécie de nova versão para a campanha “Homens Sem Terra para as Terras Sem Homens” - da era Vargas e sua marcha para o oeste. Entre o período de 1960 e 1980 a população do estado cresceu aproximadamente 8 vezes, passando de 70 mil para 500 mil habitantes que chegavam de todas as regiões do Brasil em busca do Eldorado. Para obter o título definitivo da posse da terra, os beneficiários tinham que derrubar, no mínimo, 80% da floresta nativa de suas unidades. Isto, para o alinhamento da política de ocupação da terra com a política desenvolvimentista voltada para a agropecuária na região.

Compreender esta lógica de ocupação ocorrida em um período recente da história do estado de Rondônia é funda-

Compreender esta lógica de ocupação ocorrida em um período recente da história do estado de Rondônia é funda-

Retirado da Web



Migrantes chegando a Rondônia



mental para entender a história da luta travada pelos povos autóctones, indígenas e comunidades tradicionais, bem como dos camponeses que ali se instalaram, pela distribuição, posse e permanência na terra. É essencial para decifrar as lutas travadas pela agroecologia que insiste na produção de alimentos limpos, sem o uso do agrotóxico, respeitando o bioma amazônico, sem desmatar, sem destruir os bens naturais. Resgatar essa parte da história é compreender a luta e a resistência das famílias agroecológicas. É compreender também a história das famílias que compõem o Grupo Xavier, a Fepac - Feira de Produtores da Agricultura Camponesa e a história da Rede de Agroecologia Terra Sem Males, frutos desta sistematização.

“ A ordem era derrubar e queimar tudo. E quem derrubasse o lote todo, ganhava outro”

acrescenta João Carlos da Silva (primogênito da família de oito filhos), hoje com 60 anos, que chegou em Rondônia com sua família, em 1973, com apenas 17 anos.

Segundo João Carlos, com a estrutura e mão-de-obra que a família dispunha, conseguiriam derrubar entre 2 e 3 hectares de mata por ano, e naquele ritmo toda a floresta que cobria o lote viria a baixo em torno de 20 anos. Mas um surto de malária que acometeu todo o estado de Rondônia interrompeu os planos da família.

“ Aqui em casa todo mundo 'caiu de cama' pelo menos quatro vezes cada um”.

A partir dos anos 1970, com a descontrolada migração, sem imunidade e sem a "cultura da malária", esses imigrantes foram vítimas da maior epidemia de malária da história da Amazônia. Em duas décadas, a prevalência da malária em Rondônia passou de cerca de 20 casos por mil habitantes para 300 mil casos por ano, em uma população inferior a 1 milhão de habitantes.

Mudança de planos e início da transição agroecológica

A matriarca da família de João Carlos, dona Antônia Mariano da Silva, 84 anos, começou a perceber que o desmatamento desenfreado poderia deixá-los sem lenha para as atividades do lar. Um outro fator foi determinante na mudança das



práticas de agricultura do sítio: a queimada de toda a colheita de café da família, através do fogo incontrolável ateado pelo vizinho. “Mudamos o local do plantio, fomos para a fundiária do lote, onde a mata se mantinha intacta e, assim, serviria de proteção natural para a plantação. Começamos a diversificar o plantio: se tivesse problema com o café, teria a banana, o cacau, a laranja e a lavoura branca pra nos socorrer. Estávamos iniciando a transição agroecológica, sem nem saber que este era o nome que se dava”, destaca João.



João Carlos, 60 anos



Residência de Antônia Mariano, Vale do Paraíso

A preservação das espécies nativas da floresta veio um pouco mais tarde. A relação com a floresta até então, era meramente utilitária. João Carlos narra emocionado a história de um velho baiano conhecido da família que sempre contava aos netos as histórias das árvores que tinham no sítio. O quanto eram enormes, o quanto a madeira era bonita, perfumada e como diferiam uma da outra. Os netos nunca acreditavam no avô porque nunca tinham visto nenhuma daquelas árvores. E foi então que o avô levou os netos a uma propriedade menos desmatada, e debaixo de um cacueiro antigo, recontou as histórias apontando cada uma das árvores mencionadas, e os netos, satisfeitos, passaram a acreditar novamente no avô.

João recorda que temia que o mesmo acontecesse a ele quando os netos chegassem. Decidiu então, preservar uma parte de cada essência florestal nativa existente no seu sítio.



Sistemas Agroflorestais da unidade produtiva de João Carlos

União de forças e saberes



Roda de conversa dos agentes da Pastoral da Saúde

Através dos encontros de formação baseados na educação popular, os integrantes do Projeto Padre Ezequiel e seus participantes - agricultores e agricultoras, leigos e leigas das Comunidades Eclesiais de Base (CEB's), membros de sindicatos e associações, movimentos populares do campo, das águas, da floresta e da cidade - juntaram seus conhecimentos ancestrais aplicados à agricultura e aos conhecimentos da homeopatia para o tratamento e cura do solo, animais, rios, plantas e seres humanos, compreendendo a Criação como um todo interligado, codependente, como semelhantes que se curam.

Homeopatia: a cura pela integração do Ser Humano com o meio

Ao se engajarem na Pastoral da Saúde, as lideranças do Grupo Xavier e comunidades do entorno, iniciaram um processo de formação e transformação de suas realidades. Aqui identificamos o processo de incidência nas pessoas envolvidas. Esta incidência foi se dando gradualmente, através de um amplo processo de conscientização política das lideranças envolvidas. Estes espaços de formação política foram contribuindo para legitimar os posicionamentos dos grupos e das lideranças em torno da proposta inovadora para a agricultura local, a Agroecologia.



Formação em Homeopatia para agricultores/as

As mudanças na prática logo surtiram efeito também no bolso. Como exemplo, uma família que em seus 3 hectares cultivados de café sombreado, antes produzia apenas 25 sacas, depois das práticas integradas entre homeopatia e agroecologia passou a produzir, em média, 50 sacas.

De forma semelhante, na área consorciada, cultivada em 1 hectare, entre andirobas, arueiras, tecas, castanheiras, paus-brasil e tantas outras espécies, cultiva 400 pés de cupuaçu que a cada colheita produzem 1.500kg de polpa. Os 780 pés de cacau proporcionam 250kg de semente e 120kg de polpa “se o macaco deixar”, brinca João Carlos, pois - com o grande desmatamento no entorno - os animais buscam refúgio nas unidades produtivas que estão preservadas.

Média de Produção agrícola do Grupo Xavier



Outro exemplo de resultados importantes no processo de incidência político-econômica - em que a comunidade pode perceber as mudanças impactadas pelo processo de agricultura conciliada com a homeopatia para a recuperação do solo, da água e do plantio - é o açazal: antes desmatado, hoje preservado e com

uma produção-mês de cerca 300 kg de polpa de açai e 250 litros de licor por família envolvida. Parte da produção é comercializada de forma direta e parte vendida para o PAA - Programa do Governo Federal para a Aquisição de Alimentos da Agricultura Familiar, que incentiva a compra de pequenos agricultores e possibilita o acesso ao alimento nas escolas, creches, hospitais e para pessoas em situação de insegurança alimentar e nutricional.

Outra área de tratamento homeopático é a parte da pecuária familiar. O processo é aplicado para animais de pequeno, médio e grande porte. Para cada problema com os animais, uma homeopatia específica. O tratamento é realizado através da aplicação na água ou diretamente no concentrado de nutrientes misturados ao sal. Esta parte da homeopatia para os animais faz com que a comunidade toda se envolva no processo da criação. Conforme depoimento do agricultor João Carlos, que faz questão de enfatizar que

“ se for necessário, a gente cuida de um por um, pois cada animal precisa de atenção.”

A homeopatia para os Seres Humanos passa por esse caminho em que cada ser humano tem sua especificidade e para cada um, seu tratamento devido. Para os animais o processo é o mesmo. Este é o um dos maiores legados da Agroecologia: a capacidade das pessoas olharem o mundo que os cerca de uma maneira mais Holística. Cada Ser do Planeta tem seu papel e seu valor, enquanto parte importante para o equilíbrio de todo o ecossistema.

A prática de educação popular em saúde

Além das técnicas curativas e preventivas, a atuação na saúde também incentiva a participação política:

❖ Seja na forma de denúncia dos desvios de verba pública, ação predatória de empresas farmacêuticas, omissão de prestação de serviços, esterilização de mulheres ainda em idade fértil para fins eleitoreiros (prática muito comum no estado);

❖ Seja por meio da formação em torno dos direitos. São promovidos, para isso, muitos debates acerca dos direitos dos cidadãos e cidadãs à saúde, como a implantação da Homeopatia no Serviço Único de Saúde - SUS.



Agentes da Pastoral da Saúde

Esta forma de incidir politicamente se dá, sobretudo, através da participação nos conselhos municipais. João Carlos, liderança importante do Grupo Xavier, participou por vários anos de conselhos de saúde. Sua participação era legitimada pelas demais famílias envolvidas no processo de Agroecologia. Sendo respaldado por seus parceiros de caminhada, ele tinha força e legitimidade para implementar as lutas dentro do próprio conselho Municipal de Saúde. E através de denúncia de desvio de verba, os Conselheiros - juntamente com a comunidade do Grupo Xavier, das demais comunidades e de outros grupos organizados na Diocese de Ji-Paraná - conseguiram obter a detenção do então prefeito por mais de 8 horas, em seu gabinete. E ele foi liberado só depois de fazer um acordo com o povo, tendo que acatar as exigências dos conselheiros referentes às questões da Saúde Pública local.

Juntos somos mais

A formação do Grupo Xavier veio a partir da união dos participantes da comunidade católica São Francisco Xavier que passaram a trabalhar em mutirões. “O trabalho coletivo é animador, mais construtivo e facilita muito a execução das tarefas”, reforça João.

Com a junção de forças e saberes as sete famílias do Grupo

se empenharam em colocar em prática conhecimentos adquiridos e vindos de estudos dos Grupos de Reflexão que traziam temas ligados - por exemplo - às campanhas da fraternidade ou à análise da realidade, através da iluminação bíblica (CEB's).

Segundo o senhor Pedro Ardissã, uma das primeiras preocupações do grupo, nos idos de 2002, foi com a produção e destinação do lixo e cuidados com a água, sobretudo com as nascentes.

Através do auxílio técnico do Projeto Padre Ezequiel e de outras entidades parceiras foram realizadas valas para a destinação correta de resíduos sólidos. Para o coordenador do Setor Agrícola do Projeto Pe Ezequiel, Francisco de Assis, “a criação das valasaju-



Comunidade São Francisco Xavier, Vale do Paraíso

dou, não apenas na destinação correta dos resíduos, mas na possibilidade de visualização do quanto se trata de lixo de fora das unidades produtivas, pois nos sítios não se produz lixo, e sim, matéria orgânica que pode ser reaproveitada”. Tudo isso gera consciência e mudança de atitude.

No encontro que a equipe técnica do Projeto Padre Ezequiel realizou para desenhar o mapa territorial das sete unidades produtivas que compõem o grupo Xavier, uma observação foi comum a todos: de adultos a crianças, todos começaram os desenhos a partir do rio que corta a região, tamanho o significado que este possui.

“A água de boa qualidade pode acabar em diversas regiões do planeta, inclusive aqui, e em um futuro muito próximo”, afirma a liderança Eurides da Silva-

O senhor Pedro gosta de lembrar que em 2011, quando chegou a Campanha da Fraternidade com o tema “Fraternidade e Vida no Planeta” – com o lema “A Criação Geme em Dores de Parto” - o trabalho de conscientização realizado no grupo serviu de referência para outras comunidades e paróquias vizinhas que convidaram as lideranças para ajudá-las; assim, passaram a formar outros grupos para desenvolver a Agroecologia em suas propriedades. Foi uma ação multiplicadora que foi se espalhando por toda a região. A liderança Pedro lembra que “Tudo o que discutimos foi a partir do conhecimento já adquirido. Fomos o modelo, e podemos concluir que isso foi consciência gerada pelo grupo”.

O processo de incidência política de uma comunidade acontece quando os próprios grupos se tornam atores do processo e os grupos de base passam a se tornar protagonistas de sua história. Assim, quando estes traçam as próprias estratégias e conseguem influenciar outros atores em torno de suas ações, irradiando estas práticas, a comunidade cresce e cria força.

Assim tem se dado com o Grupo Xavier: as sete famílias agricultoras tem incidido politicamente junto a outros grupos e também em toda a sociedade da Diocese de Ji-Paraná e do estado de Rondônia, ao beneficiá-la com suas produções orgânicas de alta qualidade e comprovar, através da prática cotidiana que é possível mudar e mudar para melhor.



Recuperação de Nascentes



Acima, troca de Sementes crioulas na Festa Camponesa. À direita, João Carlos com a seringueira plantada há 43 anos

Guardiões de sementes, guardiões de vida – prática intrínseca do processo Agroecológico

Para alimentar o mundo e garantir a soberania alimentar e nutricional dos povos é fundamental que haja uma melhor distribuição de terras através da reforma agrária e a manutenção dos territórios dos povos e comunidades tradicionais. Sobre isso não restam mais dúvidas.

Uma das garantias para que isso ocorra está na preservação das sementes e animais crioulos. As sementes ao longo de milênios foram cultivadas, selecionadas e repassadas de geração em geração pelo povo camponês. Mas diante da revolução verde, em poucas décadas essa realidade se modificou. Somente três empresas controlam mais da metade (53%) do mercado mundial de sementes: a Monsanto (26%), a DuPont Pioneer (18,2%) e a Syngenta (9,2%). Somadas a outras 7 transnacionais, estas 10 empresas dominam 75% do mercado mundial de sementes, que movimenta, anualmente,

trilhões de dólares, ameaçando a soberania alimentar de povos e comunidades tradicionais

Como em todos os ciclos de reprodução das áreas produtivas do Grupo Xavier, as sementes também recebem o devido cuidado. João Carlos e seu Pedro há mais de 40 anos selecionam, guardam e trocam mais de 80 espécies de sementes.



“ A preservação das sementes crioulas garante as nossas raízes de camponês, nos torna protagonistas de nossa própria história e deixa a gente livre de qualquer interesse financeiro das multinacionais”,

fala com orgulho a liderança João Carlos, apoiado em uma seringueira de 43 anos que ele mesmo plantou no quintal de sua casa, com a primeira semente que ele selecionou. É o resultado de um trabalho de gerações de agricultores. Estes ao longo do tempo fizeram uma seleção natural de um vasto repertório de semente e hoje essas famílias possuem um banco de sementes crioulas. Estas são selecionadas, multiplicadas e compartilhadas. As produções - tanto de animais quanto de sementes crioulas - contribuem para ampliar a biodiversidade.

Esta iniciativa é de fundamental importância para o processo da Agroecologia, pois propicia a independência dos agricultores/as e promove a segurança alimentar da sociedade do entorno, envolvida no processo.





FEPAC, município de Mirante da Serra

“Hoje é dia de feira, quem quiser pode chegar”

As quartas-feiras são dedicadas a uma atividade especial para a qual se preparam durante toda a semana. É assim há quatro anos, para um grupo de famílias de Mirante da Serra, localizado a 380 km da capital, Porto Velho. Mais que uma decisão econômica,

a decisão de criar a feira agroecológica e Feira dos Produtores da Agricultura Camponesa – Fepac, foi uma decisão política. Ali seria o espaço de trocas: econômicas, de receitas, de ideias, de lutas, de saberes e práticas.

Quando teve início, eram 26 famílias, mas ao longo desses anos permaneceram apenas 15. Uma família não mais expõe seus produtos na feira, pois passou a produzir pelo sistema de hidroponia (esta prática não está incluída no processo de agricultura orgânica, pois utiliza processos químicos). As outras 10 famílias continuam produzindo de maneira diversificada e agroecológica, mas comercializam de forma autônoma e individualmente, seja na cidade, ou no entorno de suas unidades produtivas. A decisão de deixar a feira se deu por causa da dificuldade enfrentada pela distância, más condições das estradas e falta de incentivo do governo municipal, que -apesar de tantas reivindicações - ainda não disponibilizou transporte para o escoamento dos produtos até o local da feira.



As 15 famílias que permanecem seguem na luta. Estão reivindicando um espaço coberto para se protegerem da chuva nos longos períodos do inverno amazônico.

“ Não desistimos da feira, porque aqui é o local onde o camponês pode mostrar aos consumidores a sua cultura, seu modo de viver e resistir”, explica a liderança Américo Costa.

O “caixa-comum” é um grande diferencial deste grupo. O consumidor, ao chegar à feira, recebe uma ficha com os nomes dos agricultores/las; ao encerrar as compras, os consumidores pagam os produtos adquiridos em um caixa comum. Somente depois, ao final da feira é que os agricultores e agricultoras se reúnem para dividir o dinheiro das vendas, reservar uma parte para a associação e trocar os produtos que sobraram. A união entre eles foi fundamental para que a feira continuasse. Eles reúnem sob as mesmas tendas diversas bandeiras ideológicas, mas compreendem que a luta é a mesma: acesso a políticas públicas favoráveis à produção e comercialização agroecológicas; combate ao uso do agrotóxico; permanência no campo; preservação de sementes e animais crioulos e soberania nutricional e alimentar.

Em datas comemorativas, alusivas ao meio ambiente, fazem campanha de conscientização nas escolas, nas igrejas e na rádio comunitária, espaço que tentam garantir, pois sabem da importância dos meios de comunicação na luta contra o agronegócio e na conscientização

da população sobre a importância do acesso a alimentos saudáveis. Estratégia fundamental para incidir nas políticas públicas locais e na sociedade do entorno.

“A feira nem sempre é financeiramente rentável, mas não desistimos porque acreditamos muito nesse espaço como espaço de trocas e formação da consciência”, ressalta a liderança Miguel Mota.



Miguel Mota e sua esposa, Clemência de Jesus na Fepac

As famílias que permanecem na feira também fazem entrega aos programas PAA- Programa de Aquisição de Alimentos da Agricultura Familiar e PNAE- Programa Nacional de Alimentação Escolar (Política Pública Nacional), importante conquista dos agricultores/as. E essa conquista ajuda muito no orçamento familiar. Esta é também outra maneira de incidir nas Políticas Públicas governamentais e se beneficiar diretamente das mesmas.



Jovelina Costa, na barraca da Fepac em Mirante da Serra

Da invisibilidade do trabalho feminino ao reconhecimento do seu poder econômico

“As mulheres inventaram a agroecologia, elas constroem agroecologia assim como suas mães e avós que a praticavam, mesmo sem saber deste nome. Foi a resistência delas que garantiu a existência da diversidade de sementes e de práticas, que hoje permitem que estejamos aqui e que de outra forma teriam se perdido pela difusão da ‘revolução verde’”.

Este trecho foi extraído da Carta das Mulheres no II ENA- Encontro Nacional de Agroecologia - que aconteceu em Juazeiro, BA, nos dias 16 a 19 de maio de 2014.

Este encontro foi considerado um marco na luta das mulheres por igualdade de direitos como condição para a efetivação da agroecologia. Foi neste espaço que o trabalho das mulheres, a gestão do dinheiro e seu acesso a políticas públicas específicas ganharam mais visibilidade.



II ENA, Juazeiro/ BA

Um dos frutos do II ENA foi a realização de diversos estudos de caso em agroecossistemas em todo o Brasil. Vale destacar que a experiência de uma família de Mirante da Serra foi uma das escolhidas para representar a agroecologia na Amazônia. Esta família faz parte do projeto Pe. Ezequiel Ramim e é parte integrante desta experiência aqui sistematizada.

“Nesses anos todos nós que praticamos a agroecologia nunca havíamos parado para avaliar o quanto a renda, que nós mulheres produzimos, é importante para o conjunto de uma família. Foi muito bom descobrir isso. Essa descoberta eleva nossa autoestima”. Essas palavras são da liderança Jovelina Costa, agricultora que compõe uma das famílias da Fepac.



Construção da linha do tempo da família de Jovelina Costa



Ademilde Pereira da Silva, 56 anos



Maria Odete da Silva, 53 anos

Trabalho silencioso

Enquanto os homens iam desenhando o mapa das unidades produtivas do grupo Xavier, dona Ademilde Pereira da Silva, 56 anos, continuava silenciosa, realizando os afazeres da casa. Insistíamos para que ela viesse fazer parte do grupo e ela apenas dizia: “Só um pouquinho, minha filha, já tô terminando”. Quando concluiu sua tarefa se juntou ao grupo. “Agora sim, minha filha, pode perguntar”. E bastou apenas uma pergunta para que dona Ademilde contasse, empolgada, suas histórias de luta.

“Quando a gente olha em volta e vê essa beleza toda, não imagina a dificuldade que enfrentamos. Só de malária, sofri 12 vezes. Enquanto o João (João Carlos) saía pra sua missão na pastoral da saúde, eu fiquei aqui e lutei. Na falta de recursos, nós mulheres nos juntamos e nos ajudamos. Umas cuidavam das outras. Pré-natal com médico não existia. Pra chegar na cidade eram dias de caminhada no meio da mata, em cima de caminhão toreiro. Nós plantava as ervas que conhecia e tratava as grávidas, crianças e velhos das nossas famílias e dos vizinhos. Quando os meninos cresceram, eu tive que ensinar eles a trabalhar, a fazer a roça e cuidar das criações no quintal. Foi com esse trabalho que nós garantia a comida no prato e com as sobras a gente vendia pra comprar umas roupinhas e o uniforme das crianças. Era só para isso o nosso dinheiro. Médico não era necessário porque a gente já tinha de tudo no quintal”.

A irmã do senhor João Carlos, Maria Odete da Silva, 53, também é mulher de muita luta. Sempre engajada nas causas do povo, é empenhada nos estudos dos grupos de reflexão e nos trabalhos “pastorais”. “É aqui na comunidade que nós estudamos a realidade e que colocamos em prática a mudança que sonhamos ver no mundo. Por isso nós continuamos aqui nas nossas terras. Foi assim que o Grupo Xavier se tornou uma referência para as outras comunidades na recuperação das nascentes”.



Por uma terra sem males

Os desafios – Criação da Rede de Articulação “Terra Sem Males”



O modelo econômico de ocupação territorial do estado de Rondônia - somado ao uso indiscriminado dos recursos naturais, consumo abusivo de agrotóxicos, exploração predatória de madeira, pecuária extensiva, concentração fundiária e avanço das monoculturas de soja, arroz e cana-de-açúcar – tem rebatimento no crescimento desordenado das cidades, provoca aumento da violência e contribui para a intensifi-

Hidrelétricas - PCHs, no curso de importantes afluentes deste rio, a pavimentação da BR-319 - têm contribuído para a intensificação do desmatamento, dos conflitos agrários e do êxodo rural.

Rondônia tem um dos mais elevados índices de desmatamento da Amazônia Legal: são quase 9 milhões de hectares. Isso representa 44% da área originalmente coberta por florestas. Os dados mais recentes do Instituto Nacional de Pesquisa Espacial (Inpe) mostram que, em 2013, foram desmatados 933 quilômetros quadrados em todo o estado.

Os enfrentamentos

Tendo como fundamento o Bem Viver, a relação fraterna entre pessoas e demais seres da natureza, bem como o profundo respeito pela terra, os povos originários das Américas são exemplo de força e resistência contra o extermínio e a violência sofridos ao longo de séculos de opressão e exclusão.

São estes povos que construíram experiências realmente sustentáveis, que podem orientar as escolhas futuras e assegurar a existência humana no Planeta Terra, nossa Casa Comum.

Baseados no modo de vida indígena, das comunidades tradicionais e na milenar agricultura familiar camponesa, em contraponto ao modelo desenvolvimentista apontado pelo agro e hidro negócios, o Projeto Padre Ezequiel e diversos grupos de movimentos e organismos sociais populares, entidades não governamentais, sindicatos, estudantes, professores, agricultores e agricultoras, leigos e leigas se juntaram para criar, no dia 13 de junho de 2012, a **Rede de Agroecologia Terra Sem Males**. Foi uma união de forças e saberes para a construção de um novo modelo de produção agrícola no estado de Rondônia.



Confronto entre PF e integrantes do MST, 2016

cação de pressões e conflitos agrários, envolvendo camponeses, povos indígenas e comunidades tradicionais.

O número de camponeses assassinados por conflitos no campo em 2015 foi o maior em 12 anos. Segundo relatório divulgado pela Comissão Pastoral da Terra - CPT Nacional, Rondônia é o estado com o maior número de assassinatos no Brasil.

Expectativas econômicas geradas por grandes empreendimentos - como as usinas hidrelétricas do porte de Santo Antônio e Jirau, no rio Madeira, ou a construção de Pequenas Centrais

Reunião de criação da Rede de Agroecologia Terra Sem Males





1ª equipe de Coordenação da Rede de Agroecologia Terra Sem Males

As conquistas

Os frutos das lutas começam a ser colhidos. A união das diversas entidades para a consolidação da Rede Terra Sem Males trouxe como resultado o fortalecimento da Campanha Permanente Contra o Uso do Agrotóxico, sobretudo a partir da vinda de Wanderlei Pignati, médico e pesquisador pela Universidade Federal do Mato Grosso, que coordenou uma pesquisa realizada com apoio da Fundação Oswaldo Cruz-Fiocruz, sobre os efeitos dos agrotóxicos na saúde humana.



Seminário da Campanha Permanente contra os Agrotóxicos

A Rede Terra Sem Males, em parceria com a Rede Ecovida do Rio Grande do Sul, ajudou a intensificar as discussões acerca da certificação de produtos agroecológicos e orgânicos em Rondônia. Mas as discussões passaram para um outro patamar; chegou-se à constatação de que o maior desafio da agroecologia no momento não é a certificação, e sim, uma produção diversificada e em maior escala, para atender

a um público que cresce a cada dia, na medida em que as campanhas de conscientização acerca de alimentos saudáveis também se intensificam em todo o estado.



Formação Continuada em Agroecologia

A Formação Continuada em Agroecologia, promovida pelo Projeto Pe. Ezequiel, passou a se concretizar com o primeiro curso nesse formato, no estado de Rondônia. Esta formação trouxe também, além do conhecimento técnico, importantes debates sobre a violência agrária; além disso, promoveu a vinda de importantes pesquisadores brasileiras nas mais diversas áreas. Mas

DEBATE SOBRE A VIOLÊNCIA AGRÁRIA

Dia: 11 de agosto
Horário: 19h30
Local: Centro Diocesano de Formação-CDF
Organização: 1 Turma de Formação Continuada em Agroecologia do Projeto Padre Ezequiel

Realização:

Cartaz "Debate Sobre a Violência Agrária"

o que tem sido considerado a maior de todas as conquistas, segundo o agrônomo Valdeir Souza (componente da equipe técnica do Projeto Pe. Ezequiel), foi a massiva participação da juventude, que superou a expectativa inicial. "Diante dos revezes sofridos nos últimos anos na educação do campo em Rondônia, ter a juventude participando de forma tão ativa é uma grande vitória".



A participação expressiva na oficina “Construção e Disputas da Agroecologia nos territórios”, apresentando as experiências vivenciadas no assentamento de reforma agrária 14 de Agosto, do município de Ariquemes, e a experiência do caixa-comum na Fepac, Mirante da Serra, tiveram muita repercussão. Estas experiências foram as mesmas escolhidas para fazerem parte do Projeto de Análise Econômico-Ecológica de Agroecossistemas, promovido pela Articulação Nacional de Agroecologia (ANA) e pela AS-PTA, que colocou em prática o método desenvolvido pela AS-PTA – Assessoria a Projetos em Agricultura Alternativa- e foi empregado para a realização de estudos sobre o desempenho econômico de agroecossistemas geridos pela perspectiva agroecológica em todas as regiões do Brasil. A ANA publicará um livro com os resultados dos estudos e dos debates realizados nesses eventos territoriais.

Em Rondônia a finalização dos Estudos de Casos se deu com a I Caravana Agroecológica e Cultural, mobilização propiciada pelo Projeto Pe. Ezequiel e Rede Terra Sem Males, que mobilizou cerca de 100 pessoas entre agricultoras e agricultores familiares camponeses, extrativistas, indígenas, quilombolas, ribeirinhos, estudantes e técnicos do estado, de toda a Amazônia legal e de outros biomas nacionais.

O encerramento da Caravana se deu com a realização de uma audiência pública em que foi apresentada a “Carta Política da Caravana”. Esta foi assinada por diversos representantes dos poderes municipal, estadual e federal. Esta audiência tinha como propósito promo-



Oficina “Construção e Disputas da Agroecologia nos territórios”, II ENA



Abertura da I Caravana Agroecológica de Rondônia



Audiência Pública da I Caravana Agroecológica de Rondônia



I Caravana Agroecológica de Rondônia na EFA Dom Antônio Possamai

ver um diálogo com os atores e atrizes sociais ligados ao campo da agroecologia e garantir a implementação de políticas públicas que promovam a transição agroecológica, entendida como condição fundamental para reorientar o modelo de desenvolvimento rural e agrícola na busca de mais sustentabilidade econômica, ambiental e social para o estado de Rondônia.

A Caravana, além dos desdobramentos políticos e da visibilidade dada ao movimento agroecológico no estado, também ajudou a consolidar a Rede e a trazer novos parceiros para agregar mais força e vitalidade ao trabalho que já vinha sendo realizado. Como exemplo, podemos citar a parceria com a Universidade Federal de Rondônia - UNIR, sobretudo com as extensões do campus universitário localizado em Rolim de Moura e Presidente Médici (municípios da Diocese de Ji-paraná).

Em Rolim de Moura o projeto desenvolvido é de Residência Agroflorestal apoiado pelo Ministério do Desenvolvimento Agrário -MDA e pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico-CNPq. Este projeto é uma iniciativa pioneira em que



Formação “Sementes Agroecológicas”

20 profissionais recém formados nas áreas agrárias e afins foram selecionados para atuar na assistência técnica e extensão rural, visando ajudar a fortalecer as cadeias de produção sustentável da biodiversidade e a formar lideranças regionais.

Em Presidente Médici, através do projeto “Sementes Agroecológicas”, que promove a formação agroecológica, houve a inclusão social e produtiva de 60 jovens agricultores/las e pescadores/las dos cinco territórios de cidadania de Rondônia, favorecendo seu protagonismo e sua permanência na terra.

Criados em 2008, pelo governo federal, os Territórios da Cidadania tinham como objetivo universalizar os programas básicos da garantia de direitos sociais. Pretendia-se que através da participação da sociedade civil seria determinado um plano de desenvolvimento para as regiões menos favorecidas de nosso País. “Infelizmente nos últimos anos a participação dos atores e atrizes sociais está diminuta, principalmente em relação à Sociedade Civil. A Caravana possibilitou a assessoria do Núcleo de Extensão em Desenvolvimento Territorial - Nedet do Território Central da Cidadania, a convivência com camponeses que de fato vivem da Agroecologia e a coleta de relatos de lutas pela terra, bem como de organização social de base igualitária. Assim a política territorial preconiza a participação democrática, paritária e com ações de monitoramento das políticas públicas voltadas para a Agricultura familiar”, como expressa Bruna Érika de Oliveira, assessora do NEDET do Território Central.

Resultados obtidos com o processo de Incidência Política desencadeado pela Rede Terra Sem Males, com o apoio e assistência técnico-metodológica do Projeto Pe. Ezequiel

Todos os esforços desenvolvidos pela articulação da Rede Terra Sem Males surtiram os resultados esperados, mesmo com todas as dificuldades próprias de um processo de incidência política com ampla participação, envolvendo diversos parceiros. Destacaremos as principais conquistas:

- ◆ A criação do Eixo Terra e Território, com a regularização da assistência técnica a assentamentos, voltada para a agroecologia e a comercialização da produção dos assentamentos;
- ◆ Outro Eixo que também foi criado nesse novo Plano foi o da sociobiodiversidade; ele organiza uma série de ações e dá apoio, principalmente à estruturação do extrativismo;
- ◆ Toda a Assistência Técnica e a Extensão Rural (ATER) passaram a ser orientadas pelo Enfoque Agroecológico.

As pressões sobre o governo estadual, realizadas por diversas entidades e pela Rede Terra Sem Males, foram intensificadas para que a política estadual de agroecologia avançasse. Foi a partir daí que foi realizado em novembro de 2015, o Seminário para a criação do Programa Estadual de Agroecologia e Produção Or-



Seminário Políticas Públicas para Agroecologia e Produção Orgânica

gânica, que deu ênfase à Assistência Técnica e Extensão Rural, à formação de conhecimento e pesquisa, às comunidades tradicionais e, sobretudo, às políticas específicas para as mulheres.

Logo no mês de dezembro de 2015 foi criada a Câmara Setorial de Agroecologia, com representantes técnicos de entidades governamentais e não governamentais, agricultores e agricultoras. Ela irá propor e acompanhar ações para o desenvolvimento da agroecologia no estado, além de servir como órgão consultivo do governo.

Diante de tantos avanços, outra conquista ocorrida em 2016, também fruto das intervenções e articulações, foi a retomada da Comissão Estadual de Produção Orgânica - CPORG, com a participação de entidades governamentais e não-governamentais envolvidas em diferentes formas de trabalho, com a cadeia da produção agroecológica e orgânica.

Considerações finais

Como vimos, se trata de uma experiência multifacetária, que trabalha, ao mesmo tempo, agroecologia, saúde, educação e vários outros temas; em torno deles se multiplicam a reflexão e a luta de muitas comunidades, gerando aprendizagens e incidência política numa escala gradativamente mais ampla. É uma experiência que está em andamento, tendo que enfrentar sempre novos desafios.

Concluindo, não poderíamos deixar de ressaltar a memória de Dom Antônio Possamai em todo este processo. Estamos falando de um profeta que um dia profetizou que em Rondônia seria possível “existir uma Terra Sem Males, de onde emanariam leite e mel”. Esta profecia continuará sendo um horizonte utópico para muitas e muitas comunidades, atuais e futuras, que permanecerão firmes na luta e contribuirão para a construção do bem viver.

Dom Antônio Possamai, um profeta do seu tempo

Recém chegado ao estado de Rondônia e à Diocese de Ji-Paraná, nos anos de 1983, Dom Antonio Possamai se deparou com uma realidade cheia de desafios. Centenas de milhares de pessoas que vinham dos diversos estados do Brasil em busca de uma nova vida, na realidade, encontraram aqui, segundo as suas palavras, “malária, pobreza, desesperança e injustiça”.

Inquieto com esta dura realidade, em que se via claramente a precariedade da ação do Estado e respondendo ao chamamento do Evangelho, Dom Antônio Possamai convocou leigos e leigas para a ação.

Primeiramente foi criada a Pastoral da Saúde que utilizou o conhecimento popular sobre plantas medicinais e homeopatia para curar, inicialmente, as pessoas, para depois se estender aos animais, solo, plantas e água. “ O povo acreditou porque houve a partilha do conhecimento que ele próprio detinha”.

Os problemas sociais, políticos e econômicos e a falta de políticas públicas que assistisse os imigrantes se apresentavam de forma cada vez mais gritante no rosto dos analfabetos, crianças de rua, agricultores e agricultoras desamparados. Em busca de alternativas para estes problemas foi criado, em 1987, o Projeto Padre Ezequiel.

“ Diante daquela realidade, a Igreja tinha que levantar a sua voz profética. Não podia se calar. E a exemplo de Jesus Cristo, de maneira autêntica, buscamos acolher, curar, ensinar, organizar e libertar o povo de tantas amarras. E o Projeto Padre Ezequiel buscou, através de sua teimosia santa, combater o bom combate em defesa da vida plena para todos”. Dom Antônio Possamai



